

# Sobre Jerusa Pires Ferreira

**J. Guinsburg<sup>1</sup>**

## **Um Projeto**

Antes de conhecê-la pessoalmente, Jerusa me enviou dois ensaios. Gostei dos trabalhos. Agora, mais especificamente, eu vim a saber dela através do Plínio [Martins Filho], porque quando veio pra São Paulo, Jerusa foi professora dele num curso de pós-graduação. Ele me falou de uma professora extremamente bem preparada. Na época, não liguei uma coisa à outra. Na editora passa uma multidão de trabalhos, às vezes, a gente nem se dá conta.

Um dia, não me lembro bem se havíamos nos encontrado antes, parece que Jerusa ia fazer um concurso no departamento de editoração da ECA e me procurou. Sabia que eu era editor. E aí, passamos o dia inteiro conversando, sobre edição, sobre temas gerais, como literatura e, realmente, me impressionaram então, e sempre me impressionam, duas qualidades fundamentais em Jerusa: primeiro, a extraordinária inteligência, a vivacidade de seu espírito; segundo, a capacidade de pesquisa e organização, a seriedade do trabalho.

Seu projeto na época, bem específico, visava o cruzamento da cultura popular com a cultura erudita e acadêmica, no plano específico do processo da cultura popular brasileira. Projeto que Jerusa levou à frente o tempo todo, inicialmente numa base mais ligada a determinadas linhas literário-estruturais, mas principalmente, depois, via [Paul] Zumthor. Penso que dentre as pessoas que trabalharam e trabalham nessa área, Jerusa foi uma das

---

<sup>1</sup> Depoimento concedido especialmente para o Dossiê Jerusa Pires Ferreira à Adriano Carvalho Araújo e Sousa, doutorando em Comunicação e Semiótica na PUC-SP.

que chegou a uma síntese maior. Seus trabalhos demonstram isto, não só pelas aulas do próprio Zumthor que ela desenvolveu, mas também pelo efeito disso na sua produção e na sua pesquisa.

Agora, para realizar isso, duas coisas são fundamentais: uma, a exigência crítica, que é muito grande nela; e outra, a sensibilidade artística, que na Jerusa se apresenta por várias vias. A relação digamos, da chamada “alta cultura” com a cultura popular, não é apenas um projeto acadêmico, de pesquisa, é o próprio ser dela, *ela* é assim. Jerusa possui uma vocação musical muito grande, uma enorme sensibilidade para a pintura, mas para a poesia em particular, é uma leitora de textos ficcionais que ao mesmo tempo vai peneirando para desvendar sua abrangência e correspondência em termos de propostas conceituais, ideológicas, filosóficas etc. Seu ouvido é especial, não só para a forma da língua, mas para o que esta forma propõe.

Na verdade, em Jerusa nada se formaliza, porque procura sempre uma síntese *maior*, de maior amplitude e espectro que reúne todos esses aspectos, isto está em todo seu trabalho. No plano da crítica literária, o interesse pelos teóricos russos vem não só da relação com Boris Schnaiderman, é anterior, vem da própria exigência interna em relação a todos aqueles que de algum modo realizaram esta síntese que eu chamo entre qualidade racional e qualidade poética. Então você vê: música, fundamentalmente, ela canta muito bem, tem um repertório... enfim, música, pintura, poesia e literatura. Literatura de criação e de ficção são vertentes intimamente ligadas, no caso dela, à tentativa de compreendê-los nos seus aspectos intelectuais, filosóficos e políticos, portanto, nos seus aspectos ideológicos, mas sobretudo humanos. Tudo o mais é decorrência disso.

## **A Ensaísta**

Quando Jerusa me propôs o livro sobre São Cipriano<sup>2</sup> eu me interessei logo. Fizemos a edição, porque de algum modo, o texto do original me sugeria as vertentes de que falei. Interessou-me a pesquisa que aí se realizava, porque seus resultados lançavam uma luz surpreendente sobre os meandros de um percurso discursivo e textual que, na história da alta cultura, às vezes permanece totalmente oculto. A relação entre as crenças, entre os mitos, entre as místicas populares – que nós podemos chamar de místicas populares porque às vezes, elas têm uma base na religião oficial do grupo, mas na realidade projetam um repertório imagético e/ou textual de um misticismo sincrético e heterodoxo em relação ao cânone religioso de referência – que, ao contrário deste, são de natureza menos mágico-ritualística do que místicas.

Na verdade, o que nós chamamos de crenças têm um espectro muito grande. Certos elementos do imaginário popular que são objetos de crença sofrem um processo de mitificação e a relação dela com seus receptores aparentemente é puramente religiosa, mas não pelos aspectos ritualísticos e dogmáticos da religião. Mas, por um tipo de experiência, por exemplo, que uma filha de santo tem. De repente, você entra numa comunicação e pode pensá-la como quiser, mas essa comunicação transcende os seus elementos positivos do dia-a-dia, a sua própria positividade orgânica. E não se liga apenas, digamos, ao culto no qual você foi criado, cuja cultura é a sua. Você cultiva porque faz parte da sua cultura, mas correspondem a uma experiência pessoal que torna este dado que você recebe de certa maneira catalogado, uma vivência; embora referidos a esta cultura, esta experiência é puramente pessoal e nesse sentido é mística.

Então, quando a pessoa vê o santo independente do valor dele recebido pela tradição religiosa, pela cultura em que vive, a noção de que aquele santo é milagroso, o fato de ter uma experiência com ele

---

<sup>2</sup> *São Cipriano: uma legenda de massas*, São Paulo: Perspectiva, 1992.

é outra questão. A experiência como tal, quer você considere Santo Antônio, é outra coisa. Mesmo nesse aspecto das religiões históricas, de seu quadro ritual, de seu quadro dogmático, seu quadro de crenças consideradas fundamentais, você pode passar a vida acreditando nisso sem ter nenhuma experiência efetiva dessa natureza. Você aceita isso como a Constituição, como um dado fundamental: “O Pedro Álvares descobriu o Brasil”. Agora, há uma experiência que tem a ver com isto, mas eventualmente transcende a isto. Nesta confluência que é a da razão com a emoção, este é um trabalho sempre presente numa determinada busca do popular, do que é essa cultura.

Eu penso que a Jerusa é muito estimulada por vários desses aspectos. Não quero dizer que a experiência do seu trabalho acadêmico e as lições que ela ministra não tenham um projeto digamos, científico, objetivo, que busca determinados fins, mas ele não o faz unicamente pela via crítica. Ela tenta ampliar a via crítica por aquilo que a experiência sensível acrescenta. Agora, é claro que quando nós editamos os livros dela não fazemos este tipo de decupagem analítica e os projetos que tenho com ela, nada têm a ver com isso. Interessa-me o resultado da pesquisa, essa escritura que revela muito isto. Jerusa tem uma escritura ao mesmo tempo muito clara e muito profunda; clara sem perder o rigor no uso da linguagem, vai muito além, por apreender fenômenos muito complexos. Essa apreensão de fenômenos constitui não só uma debulha de elementos, mas uma escolha da sensibilidade; não é simplesmente uma máquina de depuração, como no garimpo, quer dizer, a sua peneira não é apenas de ordem racional.

Normalmente, os resultados dos seus textos são extremamente ricos e essa preocupação exige um esforço muito grande, porque você sempre cai num plano ou noutro. Ela consegue manter um equilíbrio, não um justo termo porque isso não existe, mas são fatores, são impactos que você precisa constantemente estar reequilibrando os seus efeitos. Não adianta apenas você chegar a

conclusões de natureza crítica, racional, virão também algumas opções e escolhas que são referências do imaginário, da sensibilidade, opções da sensibilidade, ou, se não quiser falar em opções, atrações, encantamentos da sensibilidade.

Em que sentido? No sentido de fazer uma leitura mais abrangente da cultura popular brasileira e do modo de ser dessa cultura, dos portadores e dos exploradores dessa cultura; de uma maneira menos restritiva, mais abrangente, sem chegar a um resumo de uma identidade nacional, a uma “bula” da identidade nacional.

É uma busca desta personalidade sem personalidade, porque ela é múltipla, mas ao mesmo tempo configura determinado universo que reúne difusão e densidade. E corresponde a aspectos da personalidade de Jerusa, porque ela poderia optar por ser uma escritora, que pretenda expor o universo da sua sensibilidade; ou música, autora de mpb, qualquer coisa assim; ou seguir uma via puramente crítica, uma via erudita de análise não filosófica, não ideológica. Uma certa ideologização dessa cultura, no caso dela, não ocorre. E quando eu falo filosófica, uma opção filosófica existe só que é uma filosofia menos restrita, menos, digamos, denotativa, menos conceitualista.

Muito calcada evidentemente nas lições que certas correntes filosóficas modernas trouxeram, como é o caso não só do estruturalismo como se vê à primeira vista, mas muito do que a fenomenologia traz, que é a experiência *in situ*. A análise topológica, que é a relação direta do objeto, cai às vezes na descrição, mas descrição em que os dois elementos entram, porque para descrever você tem que inscrever. Se você descreve, você inscreve. Eu olho pra você, eu estou escrevendo a sua imagem de certa maneira. Eu vou descrevê-la de acordo com esta minha inscrição.

### **Editando o Editor: entre o Casual e o Causal**

A minha entrevista para o primeiro volume [Coleção Editando o Editor] nasceu da conversa entre Jerusa e Plínio. Penso que ambos

tiveram essa idéia, porque na época, os dois estavam bastante ligados à [editora] Perspectiva e comigo, e foi esta a opção, não sei se houve algum outro tipo de opção. Ah! Sim, me lembro de algo que talvez tenha a ver com isto. Foi o Plínio ou a Jerusa, não recordo mais, me convidaram pra dar uma aula sobre edição. E eu acabei, como sempre falando pelos cotovelos, falei da experiência que eu tinha e eles gravaram isso.

Depois, quando surgiu a idéia, eles já tinham material gravado. Não sei até que ponto, o início dessa coleção foi uma escolha de natureza intencional, ou o casual, como sempre combinou com o intencional; quer dizer, quando eles imaginaram a coleção, que deveriam fazer isto, porque seria um trabalho das disciplinas em editoração onde ambos davam aula.

Se houve algum tipo de opção específica, o que Jerusa tinha a dizer nesse ponto, disse no livrinho, ali há uma introdução dela. Ou porque havia este causal com esse casual juntos. Mas se houve algum tipo de opção, se detiveram no fato de a Perspectiva ser na época, como ainda é em parte, uma editora que ao mesmo tempo possuía um programa um pouco marginal em relação ao que se fazia de modo geral. Não marginal quanto aos livros, porque a gente editava; todo mundo edita livros, agora, que livros? E a Perspectiva tinha uma determinada *perspectiva* que marcou seu caráter de editora, que está aí, onde se vê que tem uma intencionalidade. Um certo desígnio que ainda vigora. Uma preocupação com o livro, e principalmente com o debate de idéias, de teorias, o debate de posições, uma certa idéia de multiplicidade, do direito às diferenças, mas não só o direito...

Eu não posso dizer que tenha sido a primeira coisa que coloquei ou a segunda, talvez seja até uma terceira coisa: a mistura de tudo isso. A razão que os levou a editar, em primeiro lugar, não foi certamente por considerarem a Perspectiva a mais importante do campo editorial brasileiro, porque havia outras que eram sem dúvida nenhuma de maior relevância em termos de presença tanto no

mercado quanto de atuação. Agora, penso que foram as duas coisas que levaram à terceira, aí acabaram por fazer o projeto, um projeto muito bonito e com a idéia de fornecer o instrumento aos alunos. Esse instrumento foi muito bem pensado, em matéria não só de memória e história da edição brasileira, mas como elementos para instrumentação dos cursos de editoração havia muito pouco até então. Na medida em que eles foram tomando consciência do próprio projeto, ele foi crescendo em importância, mas por razões que são as de costume na vida acadêmica e no que depende desta, na Universidade, a coleção de títulos não pôde ser extraordinariamente ampliada. Naquilo que já fez, constitui uma enorme contribuição, tanto para o conhecimento geral do que foi a vida editorial dos editores aí focalizados [Flávio Aderaldo, Ênio Silveira, Arlindo Pinto de Souza, Jorge Zahar, Cláudio Giordano], quanto do processo editorial no Brasil. Porque embora se restrinja a uma determinada fase, possui antecedentes que não só se ligam imediatamente a isso e que desencadearam esse processo, como ele também foi desenvolvendo até o que ocorre na atualidade. Então, o projeto deles, naturalmente, não teve na sucessão dos livros editados, a extensão e a abrangência que eles queriam dar, mas está implícito no que foi feito qual era.

Eu gostei, não vou dizer que fiquei horrorizado com a escolha [para o primeiro volume da coleção]. Achei que era uma coisa que dava realce a um trabalho que estávamos fazendo aqui na editora, portanto, fiquei muito satisfeito e pessoalmente, como responsável por esse trabalho, também me senti bastante estimulado com isso.

Essa coleção tem embutido um potencial que ainda não foi totalmente explorado. Penso isto não só em termos de uma literatura especializada no campo da edição, como de uma visão de cultura, de um processo cultural brasileiro. Um processo que compreende a cultura em sentido amplo: a presença das mídias, o papel que as mídias vão assumindo; a relação entre a cultura escrita e a cultura oral que aparece no plano da relação entre o universo editorial e o

universo midiático, principalmente no plano da mídia televisiva e radiofônica.

Tudo isto se situa na parte do processo cultural. E a existência de uma coleção como esta mostra que esse processo não é apenas reprodução – a edição não é apenas uma materialização de obras, de idéias, de criações que o escritor faz, – a edição cria um objeto próprio. O livro não é um manuscrito, é uma outra coisa, um novo objeto. E nesse sentido, a participação das editoras em geral, no processo, não é apenas a transmissão, mas é a criação cultural. Há uma idéia errônea e mecânica quanto ao que a edição faz. Em forma de livro, como em todas as formas, ela é criação.

Um livro do [Monteiro] Lobato editado, embora o texto seja o mesmo, em 1929 e editado em 2007 projeta universos de base semelhante, porém inteiramente diferenciados para imaginários e recepções diferenciadas e o portador dessa mensagem é o portador em si. Ele não é só *para*. Antes de ser *para alguém* ele é *para si*, porque tem que se constituir num determinado objeto. Então, a apresentação desse livro aqui [pega um exemplar de *Tolstói ou Dostoiévski* de George Steiner] se diferencia totalmente do original. Ele procura projetar uma imagem que recebida ou não, contém não só o momento cultural que vivemos, a visão que esse momento tem eventualmente de coisas, como também uma visão da própria obra reformatada neste novo veículo, neste *outro* veículo.

Evidente que o autor é o actante principal desse processo, se quiser, o ator. Mas em termos mais objetivos, ele é um actante, não somente um autor, porque você tem o papel, a imagem; tem a própria diagramação, o modo de colocar esse texto; tem a coleção; tem um universo crítico, filosófico, literário, político em que se coloca a coleção, a editora. Tudo isso, não é apenas aquela coisa de quem escreveu. Não é a mera reprodução, é uma coisa de colocar uma sensibilidade, na edição.

Essa visão eu tentei transmitir aos meus alunos, aos meus ouvintes naquela ocasião, além do meu aprendizado, da maneira



como eu, que sou um autodidata, como o Plínio, aprendi esse negócio na prática. Não fiz cursos de editoração, isto nasceu não de uma formação específica, porque felizmente ou infelizmente a escola não representou pra mim o que pode ter sido pra outras pessoas. Então, não há uma formação sistemática. Mas houve uma experiência de vida, cruzada por uma porção de outras coisas e foi mais ou menos nesse universo que eu procurei dar essa aula.

### **A Cultura Judaica**

A outra coisa que existe em Jerusa – não só por ser casada com um homem que, por acaso, é da mesma extração que a minha, mas cuja relação, não é de uma assunção religiosa a dele, como tampouco a minha – é o interesse por temas da cultura judaica.

E essa relação vem naturalmente, do interesse que Jerusa sempre teve por grupos marginalizados ou objetos de preconceito, ou digamos, cuja voz sempre procurou recuperar. Marcadamente esta, quer por relações diretas, quer por uma captação de uma relação profunda, porque a história e a antropologia vêm mostrando que o impacto do judaísmo na formação e no universo brasileiro foi muito grande; maior do que muitos supõem e gostariam de reconhecer, para calar muitas vezes no fundo de sua origem.

A Jerusa sempre enfrentou isso de uma forma construtiva, simpática, basta ver a sensibilidade que teve com o poeta russo [Óssip] Mandelstam, que é justamente um produto desses tipos de cruzamento. E, em geral, em relação à literatura, por exemplo, em relação ao meu trabalho nesta área, ela foi extremamente sensível sempre. Nessa área da literatura, do pensamento judeu.

Ora, você veja o tema do judeu errante, que o romantismo trabalhou, e certamente circulou porque o folhetim do Eugène Sue foi lido pelo mundo ocidental todo, incluindo as Américas. Penso que a Jerusa se ocupou disso, porque, eu não me lembro exatamente em que termos, reverberou na cultura popular brasileira. A turma incorporou, mas a partir de que fonte? Daquela propagada pelo

folhetim do Eugène Sue. Criou-se em muitas formas, depois ele rolou independente disso. Não sei se antes ou depois, não sei exatamente como esse mito circulou, ele deu, digamos, a publicidade necessária, se merecida é outro problema.

Agora, a Jerusa tratou isto como tratou de outras coisas, como o Fausto, o São Cipriano, que têm a ver com tudo isso que estou falando. Ela fez uma pesquisa para detectar a trajetória desse mito, para depois poder fazer digamos, a geografia e a história de toda a circulação desses elementos e pensar no campo específico dos trabalhos dela, o cruzamento da cultura erudita com a cultura popular por transmissão escrita.

### **A Máquina Crítica e Sensível**

Não sou especialista na área, são impressões de um leitor. Agora, as minhas impressões estão todas consubstanciadas naquilo que eu disse. Eu vejo a Jerusa, principalmente, como escritora, como ensaísta. Ela tem uma expressão muito grande, flexível e rica. Tanto pode tratar da expressão erudita, dos conhecimentos críticos e conceituais que transparecem no discurso em função disso, quanto no que diz respeito ao conhecimento de objetos correntes na própria lingüística popular, mas que exigem não só conhecimento, mas o convívio.

No caso dela, você tem uma máquina crítica montada sobre um coração de carne e osso; carne e osso é besteira, um coração pulsante. Isso, numa metáfora muito vagabunda, mas é mais ou menos o que eu penso. Lembra um pouquinho, um quadro do [Marc] Chagall, que é um grande pintor franco-russo judeu. Ele pintou um relógio [*O Relógio*, 1914] totalmente surrealista. Esse relógio aparece com todos os números só que do jeito que ele aparece alguma coisa dentro dele bate meio diferente. Então, no caso da Jerusa em relação ao seu interesse pelo popular, vem acredito eu, de fontes muito profundas, da cultura mesmo, que unem esse aspecto numa coisa que não se trata apenas de transformar o produto da investigação

num mero produto de conhecimento. E, ao mesmo tempo, ela procura manter o *status* de produto do conhecimento.

Penso também que cabe uma referência à atividade dela como professora, considerando inclusive que ela começou a carreira um tanto tardiamente, porque se casou, teve filhos. Só mais tarde começou a se dedicar a isso. Jerusa é uma professora internacional, conhecida em sua área e respeitada em muitas partes; eu lembro que Haroldo de Campos tinha maior apreço, tanto por ela quanto por Boris, mas cada um particularmente por razões específicas, distintas. Não foi pelo fato de ser esposa do Boris, que é um amigo de longa data, que ele a apreciava. Havia o tipo de conversa, as análises dela, o seu interesse em poesia.

Agora, você vê que depois de vir pra São Paulo, Jerusa atuou e atua nas duas mais importantes universidades de São Paulo que são a PUC e a USP. Hoje, mais na PUC, num programa [Comunicação e Semiótica] extremamente avançado, com um projeto específico. Formou uma série enorme de pós-graduandos e de alunos que, em sua maioria, eu suponho, continuam sendo além de alunos, amigos e até discípulos.

Uma relação que nem sempre permanece entre orientador e orientando, mas há todo um calor na relação que tem que ver com tudo isso. Volto a dizer que mesmo em relação à atividade docente eu vejo os dois componentes que já citei, portanto a essa característica muito rara; muita gente tenta, mas entre tentar e conseguir ou ter isso como algo natural e espontâneo, vai uma distância muito grande. Mas Jerusa consegue, pois é uma forma interna de seu ser, de seu estar-aí, na Bahia e em São Paulo.

No campo das publicações eu já falei, ela tem uma atividade escritural muito grande, não sei onde arruma tempo pra tudo isso. Então, eu a vejo como uma das professoras que mais representa o processo pelo qual a cultura brasileira passou a partir dos anos setenta. Ela, não é a única, evidente, mas é uma das que o representa. Porque toda essa tentativa de chegar a uma identidade,

de chegar a uma especificidade brasileira é feito em diferentes áreas, com aspectos regionais diferenciados porque os fatores são diferenciados. É uma tentativa talvez, do próprio país de se reencontrar de certa maneira, de se ver, porque é claro, como a história é um processo dinâmico, a visão é prismática, ou seja, está sempre se deslocando. Você vê eventualmente a mesma pedra, mas com cores e luz muito diferenciados. Agora, no conjunto, há a tentativa de criar fundamentos mais sólidos não só a análise literária, de natureza crítica-literária ou de problemas semânticos, estruturais, mas também do ponto de vista antropológico, sociológico e também do ponto de vista político, tudo isso está incluído.

Esse é um processo do país, ou, de uma geração de intelectuais que têm respondido a problemas e apelos que nascem do próprio país. Agora, alguns conseguem ter realmente sínteses *maiores*, seja na criação poética, plástica e também na academia e, nesse ponto, eu entendo que a Jerusa representa muito bem esse processo. Há um encontro muito feliz entre uma inteligência e uma sensibilidade, isso sem querer traçar nessas rápidas palavras um elogio vazio. Não é o meu propósito, nem seria digno dela ou uma homenagem a ela, pelo contrário. De modo que este dossiê é uma demonstração disso que estou dizendo, é um reconhecimento que um segmento da vida intelectual brasileira, da vida acadêmica, faz em relação à atividade de uma professora. E, pra isso, não precisa medalha, não precisa nada, porque os alunos, os discípulos, os interlocutores são as pessoas que promovem isso com espontaneidade, não precisa ir ao palácio para o Lula colocar medalha. *Estas* medalhas são importantes e são eventualmente aquelas que se inscrevem na história das coisas, agora, se é a micro-história ou a macro-história isso eu não sei.

**J. Guinsburg** é pesquisador, ensaísta e editor responsável da Editora Perspectiva.